

Almeida Faria

RUMOR BRANCO

Prémio Revelação de Romance
da Sociedade Portuguesa de Escritores

prefácio de
Vergílio Ferreira

ASSÍRIO & ALVIM

Prefácio da 1.^a edição

Vergílio Ferreira

Sempre um homem é o primeiro homem. Porque o seu mundo é a reinvenção do mundo, a sua voz uma voz original. Que nessa voz ressoem outras vozes: se ela é autêntica, é nova, como se nascida no sangue. Daí a interrogação com que olhamos os jovens, a expectativa com que ouvimos um novo escritor: que notícia nos traz? que mundo nos inventou? que espelho há nele do nosso? que humildade nos impõe ao orgulho do que conquistámos?

Interrogações múltiplas, expressão de uma só — a que nos assalta perante um homem que nasce — essas as que me tomaram perante este Rumor Branco de um jovem que não chegou ainda aos vinte anos. Decifrar essa «juvenildade», tatear o que avulta nessa crise, aponta menos a uma sua desculpa do que ao sabermos a sua orientação — o para onde se dirige. Porque este livro é bem um livro juvenil. É-o não apenas no que se valoriza e se há de um dia possivelmente

desvalorizar, como ainda na ostensiva rejeição do que se rejeita e se há de talvez um dia recuperar. Alguma coisa, porém, me parece recusada para sempre: os quadros do romance que o «novo romance» recusou. Adiantemos, todavia, desde já que o homem proposto por esse «novo romance» me não parece seja um dia aceite, como o não é já, por Almeida Faria: justamente o homem que deixou de interrogar-se sobre o seu destino.

Mas formalmente Rumor Branco tem que ver, evidentemente, com o «novo romance»: ele não é, com efeito, uma verdadeira «história». Diria eu que é sobretudo uma voz; e que mais do que uma voz ele é claramente o seu tom. Ora o que me impressiona nesse tom é o que aí se me indica sobre o donde essa voz fala. Grave, obscura, atropelada, ouço-a de uma profundidade de raízes, de um centro da terra que se procura, confusa e labiríntica, através de galerias insuspeitadas, perdida nesse centro da terra ou tentando emergir até à claridade do sol. Não parte assim bem Almeida Faria do que diz para o modo como dizê-lo. O que lhe é presente e opressivo dir-se-ia não ser um tema, mas o obscuro abalo, indizível perturbação, alarme longínquo que se vai exprimindo por um turbilhão de palavras e se há de depois esclarecer ou não

numa verdadeira «história». Assim o seu livro se resolve num compromisso entre uma narrativa construída, definida, e a massa original das formas que se anunciam, a comoção inicial que mal sabe ainda o porquê. Daí a pulverização dessa história em «Fragmentos» — que assim mesmo se reagrupam, assumindo-o, ao exemplo ilustre de um *La lutte avec l'Ange*: mutilado pela Gestapo, alguma coisa este livro recolheu, inesperada e obscuramente, do indizível do «esboço», das «mutilações felizes»... Lançado na procura das razões que o comovem, atirado à multiplicação das palavras, tentando através delas abrir passagem a um autoesclarecimento, Almeida Faria nada recusa do que a essa passagem possa promover. O «maneirismo» que lhe hão de assacar (mas atenção: não há pior «maneirismo» talvez do que o que afeta a antimaneira, essa escrita composta, delambida, essa pretensiosa «síntese» que normalmente é só pobreza, porque não foi além do que é complexo e se ficou apenas prudentemente e impotentemente aquém), o «maneirismo», para lá do que é juvenil, ou seja, a imediata e apressada forma de dizer «eu», é o modo de não recusar nada do que pode abrir um caminho, direito ou transversal, para aquilo que ao escritor foi um abalo profundo. Anástrofes sistemáticas, aliterações, mudança

de pessoa-centro em cada «Fragmento», palavras-soma à Joyce, palavras ambíguas de regência dupla, seqüências rimadas à Joyce também... E as questões referentes à pontuação. Que todavia Mallarmé e sobretudo Apollinaire compareçam e digam uma palavra: um poema sem pontuação é já um lugar-comum. Letras minúsculas, por exemplo, depois de pontos finais: juvenildade apenas? processo prático de quebrar os fins de período sem lhes quebrar as pontes de ligação? Mas que seja juvenildade: deixemos que a juventude se cumpra... já o mesmo, porém, não poderemos talvez rezear dos períodos sem fim, uma vez que Proust e Joyce e Faulkner e Claude Simon... Mas a verdade não está bem nas folhas das árvores que são folhas, decerto, mas implicadas nas raízes da sua origem: as raízes são a obscura comoção do que mal se analisou, se não sabe ou se esqueceu...

Do que se não sabe? Mas este livro sem história tem uma história. É a história de uma aprendizagem, que assim mesmo se acolhe à sombra protetora de um Goethe, de um Thomas Mann. O tempo desta história dá-a como acontecida e como ainda, possivelmente, a acontecer, fala de «um destino de homem hipoteticamente de hoje ou do futuro». Os factos, as personagens, não são factos ou personagens que construam uma narrativa pelo tempo, pelo momento unificada: são ele-

mentos ou sinais que demarcam uma situação possível e cuja coerência interna se formaria a partir do que neles se corresponde. A voz que vem de factos e figuras do passado pode coordenar-se com o presente ou um possível futuro.

Romance da aprendizagem (cultural, económico-política e sobretudo amorosa e metafísica — desde a aparição da morte), Rumor Branco fala-nos de um Daniel João, pequeno-burguês, desde antes de nascer, quando o universo é vazio sem a sua presença, mas para que a sua aprendizagem comece nas origens. A experiência amorosa (erótica, sobretudo), cultural e social, dentro e fora do país, termina-se desencantada, por um emocionado apelo de redenção e de fidelidade ao seu tempo (Fragmento IV). Mas eis que (nos Fragmentos V e VI) um outro Daniel nos surge, filho de proletários, implicado numa revolução, resolvendo pelo suicídio (possível) o desespero acumulado em 25 anos de reclusão, e exatamente quando iria sair em liberdade. Mas afinal: outro Daniel João realmente? Ou apenas o primeiro espelhado no segundo, transposto a ele, delegando nele a sua verdade finalmente descoberta e que não soube ou não pôde executar? O voto de fidelidade à sua hora não será pois, para o intelectual pequeno-burguês, um voto de fidelidade ao proletariado?

Em todo o caso, o Diário (Fragmento VII), sendo visivelmente um diário dos dois (embora se nos declare escrito só pelo segundo) é muito menos (é quase nada!) um diário do preso do que do intelectual: a metafísica e o amor-erotismo são aí um dado dominante. E se isto é assim, a redenção solicitada por Daniel (no Fragmento IV) só pela deliberação de Almeida Faria (e não por uma sentida convicção em que a arte se reconheça) se realizará na dimensão político-económica. Erotismo e metafísica são, de facto, se não erro, as fundamentais coordenadas da procura em Rumor Branco. Descoberta do homem, ela inicia-se remotamente, como dissemos, numa cósmica origem, num halo bíblico de génese, tateia-se no encontro com o mundo (cultural, político), apreende-se no confronto com a mulher, e aí, na velha oposição entre um corpo que se vence ou se destrói, e um espírito que se suspeita ou se sabe e se questiona e se quer.

No jogo ou na luta de toda a arte entre a pureza da comoção e a justificação dela; entre o abalo original e a sua concretização, Almeida Faria opta pelo primeiro dos elementos confrontados, escreve «como se fosse chorar ou dar um grito largo». Assim a sua vibração nos parece às vezes excessivamente disponível, como paralelamente nos parece que o seu

caminho se poderá determinar um dia por um dar-nos mais razões desse alarme original.

De qualquer modo, como esquecer desde já, por exemplo, esse belo Fragmento I, a bela cena no cinema com a mulher desconhecida do Fragmento II, um certo anoitecer do Fragmento III, a desagregação do final do Fragmento IV ou mesmo do VI? Como esquecer inúmeras observações adultas em todo o livro e que teremos de detetar no atropelo das palavras? Rumor Branco visa um «absoluto filtrado», o que «em si todos os rumores abrange os mundos todos. voz do criador pelo homem assumida vária e vagamente ou monocórdica até que ao fim de todas as tormentas ao seio recolha à fonte humedecida [...] voz desintegrada e aflita sombra apenas de arquétipo perfeito». Que a tal sombra de perfeição nós a saibamos valorizar, atenta e generosamente, antes de a desvalorizarmos apenas no que sombra ainda for.

Assim, e com a responsabilidade que me pesa sobre uma experiência literária já não curta, é-me sobremaneira grato anunciar o aparecimento de um desde já invulgar escritor e, confiadamente, de um futuro grande escritor.

Fontanelas, 2 de agosto de 1962.